Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3861unse

no XXXVIII – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de Julho de 1962 – N.

REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 1 5 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Mensagem de Urgência . . . . . *De "Your Fate"*
E' Inacreditável . . . . . *Carlos Imbassahy*
Espiritismo e Educação . . . . . *Osvaldo Requião*
Revides aos Contra-Rebates do Dr. Osmard . . . . . *V. O. Casella*
A Psicografia na Televisão . . . . *Ismael Gomes Braga*
Mentalidades... . . . . *Arnaldo S. Thiago*
Uma Advertência de André Luiz . *Deolindo Amorim*
Hipnose e Espiritismo . . . . . *Osmard Andrade*
Crônica Estrangeira . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . *Redação*

Vida e Atos dos Apóstolos

Livro de 296 páginas, é um trabalho de exclusiva orientação espírita, que salienta os estupendos fenômenos verificados no início do Cristianismo, ou fatos anímicos e espíritas, que constituem testemunho vivo da imortalidade, o fundamento racional do Cristianismo.

O autor desta obra, é o mesmo de «Parábolas e Ensinos de Jesus», e de «O Espírito do Cristianismo», complemento daquela, e, ainda,. de «Interpretação Sintética do Apocalípse», — Cairbar Schutel.

Encadernado Preço : Cr.$ 300,00.

Cartas a Esmo

Entre as numerosas produções deixadas por Cairbar Schutel, se encontra êsse precioso livrinho, já em 4.ª edição, de 1956, contendo resposta a D. Joaquim Domingues de Oliveira, Bispo de Florianópolis, seguida do Discurso do Bispo Strossmayer, pronunciado no Concílio de 1870 contra a infalibilidade do Papa.

Recomenda-se a sua leitura pelo valor das cartas esclarecedoras que encerra e do notável Discurso do Bispo Strossmayer, obra rara, e sempre da mais palpitante atualidade.

Brochado Preço : Cr.$ 40,00.

Histeria e Fenômenos Psíquicos

«Histeria e Fenômenos Psíquicos», que acaba de ser reeditada, devido a sua grande aceitação pelo assunto que encerra, é mais uma produção do saudoso Cairbar Schutel.

Esta nova edição, que é a 4.ª, foi impressa em tipo 12, maior do que o das anteriores, o que facilita a leitura. Além disso, todo o livro foi confeccionado com maior cuidado, tudo contribuindo para boa apresentação dêsse antigo trabalho de Cairbar Schutel, cujo valor intrínseco é o de uma obra de síntese e de lógica sôbre a tese de seu título e das curas espíritas.

Brochado Preço: cr.$ 50,00.

Espiritismo e Materialismo

Esta inspirada obrinha do nosso saudoso e querido companheiro Cairbar Schutel deve figurar na estante de todos os espíritas.

Brochado Preço: Cr.$ 20,00.

A' venda na Livraria «O CLARIM»

Caixa postal 11 — MATÃO — SP

Atendemos pedidos

pelo Reembolso Postal

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Conferências Radiofônicas
Cristianismo e Espiritismo
Na seara do Mestre
Em tôrno do Mestre
Nas pegadas do Mestre

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
Obras Póstumas
A Genese
O Céu e o Inferno
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Principiante Espírita

Vários assuntos:

O Espiritismo e as Doutrinas Espiritualistas
Hipnotismo e Espiritismo
Hipnotismo e Mediunidade
Evolução Anímica
Fenômeno Espírita
A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo?
Um caso de Desmaterialização
Animismo e Espiritismo
Ciência Metapsíquica
Resumo da Doutrina Espírita
A Loucura sob um novo prisma
Jesus dos 13 aos 30 anos
A Psiquiatria em face da reencarnação
O Espiritismo à luz da crítica
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Depois da morte
O Espiritismo à Luz dos Fatos
A Reencarnação
Como os Teólogos refutam
A Psicografia ante os Tribunais

Romances:

Há dois mil anos
50 Anos depois
Ave Cristo
Amor e Odio
Nas telas do Infinito
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Memorias do Padre Germano
Solar de Apolo
A tragédia de Santa Maria
Marieta
Marta
A Barqueira do Júcar
O Espírito das trevas
Vítimas do Preconceito
Eleonora
Apenas uma sombra de mulher
Mireta
Redenção
Lidia
A Sonâmbula
O Chanceler de Ferro
Herculanum
Memórias de uma alma
A vingança do Judeu
Dor Suprema
Nas Voragens do Pecado
Romance de uma Rainha

Infantís:

História de Cristo para as crianças
Seara Infantil
Os apuros de Raimundo
Meu livrinho de Orações
Historietas do Irmão Monteiro
Os filhos do Grande Rei
Os meus deveres
História de Catarina
Mensagem do pequeno morto
História de Maricota
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»

ANO XXXVIII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Julho de 1962 — NUM. 6

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR-REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 780 — Oficinas: Rua Rui Barbosa, 1070

MENSAGEM DE URGÊNCIA

verídica história que passamos a relatar e que em si constitui uma estranha e inédita experiência no domínio metapsíquico encheu as colunas dos jornais londrinos de 1913 de sensacionais comentários e «O Globo» relata-nos os fatos numa reportagem concisa e cheia de apaixonado interêsse. Foi o caso que determinado pároco de Kensington, após a cerimônia cantada que se realizara nessa noite na igreja, se deixou ficar ainda algum tempo no edifício, quando já o organista e o côro haviam partido. Depois de proceder a pequenos arranjos na sacristia, o pastor, sentindo-se cansado, pegou nas chaves e dispunha-se a atravessar a nave, quando viu, surprêso, a figura de uma mulher emergir da obscuridade do altar e enquadrar-se num halo de luz vindo da porta. A mulher aproximou-se do sacerdote e em voz trêmula mas harmoniosa exclamou :

— Venho rogar-lhe a bondade de ir ver uma pessoa que vive aqui perto, alguém que está prestes a morrer e clama por um sacerdote, antes que o fim se consuma. Creio que não atingirá a meia noite.

O padre sentiu-se impressionado pelos seus olhos escuros e luminosos, olhos tão cheios de silencioso apêlo. Suas vestes eram negras e a pele duma brancura de alabastro, ao passo que a voz era rica e profunda, cheia de emoção. O padre não lhe adivinhava a idade, mas pelo aspecto do vestuário pensou contar uns vinte anos. O pedido urgente da mulher não era inédito na sua vida religiosa e por isso decidiu-se a acompanhá-la.

—Tenho um táxi à espera no cruzeiro. Vamos juntos, antes que os portões da morte se cerrem sôbre a infeliz — suplicou a dama de negro.

*

A mulher de negro seguiu à frente, descendo os degraus, enquanto o pároco fechava a grande porta da igreja e distintamente ouvia o bater dos seus tacões no pavimento que os separava do táxi. Entretanto, ela, já a seu lado, explicava-lhe que o moribundo, cujo nome lhe indicou, sentia grandes apreensões pela sua alma e que a sua tranquilidade era de grande importância para ela.

Alguns minutos depois o táxi parou ante um palacete de estílo georgiano na área de Kensington e dentro em breve o porteiro agaloado abria a porta com grande surprêsa do pastor — que tocara a campaínha a pedido da desconhecida, que ficara atrás — para dizer que senhor algum ali estava doente, que, pelo contrário, seu amo se encontrava de perfeita saúde e que decerto o haviam informado mal...

— Mas esta senhora...—e o sacer-

dote olhou à retaguarda para procurar a sua interlocutora. Atônito, verificou que a misteriosa rapariga e o táxi tinham desaparecido em silêncio e que a rua não dava indícios de vivalma! O porteiro, no entanto, repetia a afirmação; mas, ante a insistência do confundido padre, começou a pensar num caso de loucura ou de embriaguez e a fechar paulatinamente a porta. Neste preciso momento, o dono da casa apareceu, curioso, a inquirir do que se passava. O sacerdote explicou-lhe, então, o ocorrido e como ali tinha chegado a pedido da mulher e movido pela sua urgência.

— Tudo isso é muito estranho — respondeu. — Estou de perfeita saúde e não tenho amigos moribundos. Só tenho ùltimamente ressentido certas preocupações espirituais. Mas, como poderia essa mulher sabê-lo?

E o velho *gentleman,* sem mais hesitações, convidou o padre a subir ao seu gabinete e a sentar-se junto ao fogo, iniciando, sem mais preâmbulos, a síntese dos seus pesares e dúvidas, que o bom do sacerdote ia confortando com suas palavras de consolação, até que, ao agradecer-lhe o velho senhor a sua ajuda espiritual, o convidou a visitá-lo no dia de Natal, para voltarem a conversar na igreja.

*

A recordação da estranha aventura em que tão bruscamente se vira envolvido fê-la a ausência do seu interlocutor no serviço da manhã e, preocupado, após as suas obrigações, de novo se dirigiu à senhorial mansão de Kensington. Mas o mordomo, consternado e de luto, só pôde exclamar ao vê-lo:

— O meu patrão morreu sùbitamente alguns minutos depois de o senhor ter saído. Até parece obra da Providência o senhor vir quando veio.

— Mas eu não vim cá voluntàriamente! Uma senhora de negro me chamou!

Subiram juntos à câmara ardente, de severos e ricos reposteiros corridos, que o mordomo afastou um pouco para que o sacerdote pudesse contemplar a figura estendida no caixão e que as velas mal alumiavam. Mas, de repente, os olhos do padre cairam sôbre uma fotografia encerrada numa preciosa moldura que se encontrava sôbre a mesa. Surpreendido, voltou-se para o mordomo, que estacara, e exclamou:

— Mas esta é a fotografia da senhora que me procurou, a sua cara, os seus vestidos! Que quer isto dizer? Diga, por favor!

O mordomo, a quem todos aquêles acontecimentos confundiam, apossou-se, então, do retrato, colocou-o nervosamente sôbre a mesa e em voz meio severa meio irônica apenas comentou, na sua ignorância das coisas do Além:

—Esta senhora jamais poderia viajar consigo em táxi, pela simples razão de que era a espôsa de meu amo morto e ela própria ter morrido há quinze anos—justamente no dia de ontem, véspera do Natal!

Eis o caso verídico e insofismável da intervenção do Além passado com o pastor da velha e pacífica paróquia de Kensington — Inglaterra.

«Estudos Psíquicos», (De «YOUR FATE»)

E' Inacreditável

— II —

Dizia-nos um guia: — É preferivel perder as idéias a perder um amigo; aquelas se modificam e êste é um tesouro eterno.

E deixariamos nossas idéias de lado, nesta conversa com o Dr. Osmard Ándrade, se não fôra a nossa responsabilidade para com os diretores e assinantes desta Revista. Se de um lado são preciosos os ensinos do Dr. Andrade sôbre Hipnologia, do outro, o seu ataque frontal ao Espiritismo, numa revista espírita, poderia comprometer a doutrina, deixar mal os seus diretores e perturbar os leitores. Daí a necessidade dos esclarecimentos. É esta a razão por que aqui estamos, sem quebra de nossos laços de estima.

Receiando fazer uma síntese do artigo publicado sob o titulo — Fenô-

meno Espírita — lembremos alguns trechos:

A segunda maneira por que se produz a indução hipnótica nasce dentro de nós mesmos: são os estímulos internos ou interoceptivos, que caracteriza a auto hipnose. As impressões previamente recebidas são ponto de partida de idéias, como, por exemplo, o indivíduo que se sente mal no banho porque lhe disseram que faz mal comer e logo depois banhar-se. O reflexo condicionado interno vem de um pensamento e desencadeia uma resposta de acôrdo com a imagem recebida. E daí a incorporação espírita com o seu séquito: anestesia, insensibilidade, catalepsia, falas e escritas...

Lembra os nossos reparos ao panorama que apresentou para identificar a hipnose com o Espiritismo: a concentração mental, a palavra de um presidente, a oração, a voz pausada, o pensamento no guia, na entidade sobrenatural. E' esse o *rapport*, a excitação inicial, o pensamento verbal, a sinalização por condicionamento do segundo grau. O médium é pois um *sujet* hipnótico, do tipo débil, desiquilibrado, conforme a reflexologia. Informa-nos que a percentagem dos hipnotizáveis é de 90 por cento, a dos bons de 25. Eis aí os médiuns medíocres e bons. A crença, a fé, o desejo de submeter-se, e aí está o condicionamento do primeiro grau: cria-se o foco de atenção e a inibição que isola parte do cortex, escapando apenas o ponto de ligação. Concretiza-se o estímulo indiferente e surge a idéia do Espírito, com a fala automática e todo o cortejo que a hipnose obtém por ordem do hipnotizador.

Por aí se vê, que de umas analogias vagas, nem sempre certas, como a voz pausada, o sobrenatural, o tipo, a anestesia, a insensibilidade, a catalepsia, tiram-se conclusões definitivas, irrefragáveis. Além disso, não se limitou o emérito expositor ao âmbito de umas tantas sessões, onde nem sempre há Espíritos, senão que viu todos os fenômenos espíritas naquela base, senão ainda que escorchou todo o Espiritismo num enrêdo celular. Os fenômenos de possessão ou transe, com audiência, vidência, escrita, já nos dizia em seu trabalho «são obteníveis em sessões de aprofundamento hipnótico pela somação de focos de inibição cortical.» Invoca Artur Ramos, para quem a incorporação mediúnica nada mais é que indução auto-hipnótica, e afirma-nos, enfim, que Espiritismo é Hipnotismo.

É essa aliás a voz da Hipnologia, proclamada por seus mestres na imprensa, na tribuna, nas entrevistas, e não sei se transformada em princípio.

* * *

De tudo se vê que os honrados Professores entraram no Espiritismo como os antigos exploradores nas terras ignotas da África.

Principia o estudo de nosso caro patrício pelas sessões onde a percentagem de médiuns é mínima ou talvez nula, e o rendimento mediúnico necessariamente fraquíssimo. Ora, a percentagem apresentada para os hipnotizáveis é de 90 por cento. Forel declara que todo homem mentalmente são é hipnotizável — tout homme mentalement sain est hipnotizable. Como se vê, quase tôda a gente. Já aí começa a falhar o paralelismo. Ora, sendo de 90 por cento o número de hipnotizáveis segundo o caro Professor Osmard e de 100 por cento, ou de todos os sãos, conforme Forel, todos ou quase todos os que vão a sessões deveriam ser médiuns, uma vez que o médium é o sujet hipnótico. Mas, sabem-no os que conhecem Espirismo, que o número de mediuns, numa sessão, fortes ou fracos, bons ou maus, quando os há, é extraordinàriamente pequeno. Segundo, pois, a nossa dedução, falha aí a indução hipnótica.

Declara-se que os pacientes hipnóticos, assim como os espiríticos, são do tipo débil, instável, lábil. Mas o Moll nos assegura que os indivíduos inteligentes, dotados de forte vontade são os mais hipnotizáveis. Assim pensa Weisserman, que nos fala em várias «fortalezas.» E aqui já começam as dúvidas, pelo menos no que toca ao ensino dos dicionários.

Afirma-se a dificuldade de hipnotizar histéricos e neoróticos. Declaranos, entretanto, o ilustrado facultativo Dr. Osmard, que nas sessões espíritas se trabalha com indivíduos na maioria pertencentes aos tipos de predominância histérica e neurótica. Parece que êstes deveriam ser, pela doutrina hipnológica, os mais dificilmente hipnoti-

záveis. Portanto, nenhum jogo inibitório e o consequente perigo. Como se vê, o terreno não está firme.

Há mais. O quadro apresentado pelo Dr. Osmard não é o verificado nas sessões de estudo e experiências psíquicas ; basta ler-se o que recomenda o Dr. Gustave Geley em L'Ectoplasmie et la Clairvoyance.

Nas tais sessões perturbadoras, o que pode haver de hipnotismo não terá influência em tipos histéricos e neuróticos ; e se o cenário fôsse, de fato, hipnotizante, teriamos tôda a gente igualmente hipnotizada, porque vemos por tôda a parte aquelas circunstâncias de fundo hipnotizador. Eram essas as nossas objeções.

A demonstração do Espiritismo não tem as suas raizes nas sessões mais ou menos heteróclitas, porém na vultosa fenomenologia, ora observada ou experimentada nos laboratórios, ora manifestada espontaneamente no indivíduo, não importa o que êle pensa, ou as suas idéias, as suas convicções, a sua vontade.

Se se trata de incorporação, o manifestante se diz Espírito ; na «visão» vê-se um falecido ; na «audição», a voz se diz proveniente de um morto ; na escrita chamada automática, o escrevente se assina com o nome de um defunto ; na escrita direta, em lousas, em caixas fechadas, ou em papel que o médium não tocou, a assinatura é de pessoa morta. Na xenoglossia, ou seja a lingua falada pelo médium, que a desconhece, o comunicante se declara finado. Nas levitações ou quaisquer fenômenos de efeitos físicos, se se interroga o médium, êle diz que o fenômeno provém de um Espirito. Nas casas mal assombradas, verifica-se que o promotor dos distúrbios e fenômenos é sempre um desencarnado. Procuram êles até o meio de provar-nos que só Espíritos poderiam produzi-los e nos proporcionam a chamada «correspondência cruzada», que são escritos de diferentes médiuns e diferentes lugares, que, ligados, dão sentido perfeito.

Chegamos ao mais complexo dos fenômenos, o da materialização ; aqui o Espírito se apresenta não só com o seu psiquismo, como com a forma que revestira em vida. E' o biôntio com o corpo, a inteligência, a linguagem, a escrita, as expressões, o saber que tivera em vida. Nessas materializações há sempre um guia, o que não deixou de merecer os reparos de muitos cépticos. É sempre um ser de outras vidas que toma corpo : É Katie-King, em Londres, com Crookes ; Bien Boa, na Argélia, com Richet ; John King com Lombroso na Itália ; Nepenthès, com os universitários da Noruega ; Stela Livermore com Charles Livermore e John Gray em Nova York ; é Stasia com Ochorowicz ; é Iolanda com a Sra. D'Esperance... E nos estamos reportando ùnicamente às experiências clássicas, célebres pelo número e pelos nomes dos experimentadores.

Se voltarmos os olhos para a História, veremos que os fenômenos, com as mesmas características, isto é, as da manifestação do defunto, se apresentam em todos os tempos e tôdas as épocas —, entre maometanos, judeus, cristãos ; entre os que já estabeleceram o ponto fixo para onde se devem encaminhar as almas ; o mesmo acontecia na Grécia e em Roma, onde os mortos apareciam sem a devida permissão do Olimpo. E' verdade que a manifestação é por vêzes desfigurada pelos observadores, pelos sectários, e temo-la transformada em anjo, demônio, larva, lêmure, reliquat, cascão, subconsciente, recalque ou hipnoide, conforme a crença particular do cidadão.

Não é a entidade manifestada quem tal se denomina ; ela se diz o morto ; a noção de Espírito é parte intrínseca do fenômeno, e vemo-lo declarar-se tal, apesar das sugestões contrárias e renitentes dos experimentadores.

O ser apresenta-se qual fôra em vida ; mostra os conhecimentos, as idéias que tinha e só essas ; não se sabe porque a hipnose não iria além daquilo. A Georges Pelham apresentou-se uma família que êle conhecera, e com ela uma jovem que não conseguiu identificar. — Mas é a filha da Sra. Warren — lhe dizem. — Êle muito se admira, porém não poderia reconhecê-la dez anos depois. Tal qual uma cena real com gente viva.

Em pleno parlamente inglês surge um deputado falecido. O fato foi tão sensacional que ocupou as manchetes de vários jornais londrinos, e por alguns dias : *Empire*, de 14-5-905 ; *Daily*

Express, Evening News e *Daily News* de 17-5-905. *Annales des Sciences Psychiques,* junho de 1905.

O fenômeno seria claro em Espiritismo, desde que é ensino doutrinário que os mortos presos à terra, despercebidos que estão mortos, voltam às suas ocupações diárias. O deputado voltou aos debates. Como porém se adunaria com o preparo hipnótico —, vozes baixas, atmosfera de temor e silêncio, concentração, fé, coisas ritmadas, andar pausado, solene —, aquêle rumor parlamentar, com um tal a despejar acusações ao primeiro ministro, o outro a defender as prerrogativas da coroa, um terceiro a propor aumentos, ou a tratar de armamentos e guerras, grupos a discutirem, indivíduos a se ameaçarem, e o Presidente, em vez da palavra religiosa de um diretor de sessão, a dar desesperadamente com a campainha, a que ninguém obedece? Pensamos que as assembléias se devem parecer. Pois nessa turbulência é que irrompe o fantasma. Se não é um caso especial de hipnotismo britânico, deve ser uma auto-hipnose legislativa.

Narra o grande naturalista Alfred Wallace *(Modern Spiritualism),* que uma falecida apareceu a cinco pessoas na mesma ocasião: duas a seguiram; ela desce uma escada e é percebida por uma senhora que sobe; outra, que estava numa janela, a viu por seu turno, e uma quinta percebe-a atravessando a relva.

Já não basta indagar onde estaria o foco alucinatório. Há que verificar como a hipnose daria idéia da realidade, e de tal forma, que as cinco senhoras, hipnotizadas ao mesmo tempo, não se sabe porque ou por quem, viam o fantasma como se êle fôsse objetivo, cada qual do lugar onde estava. Devia haver nessa alucinação hipnagógica o propósito de enganar-nos, dando uma impressão de realidade.

O Espírito Sebastião Bach pede à pianista Jelly d'Aranyi que não tocasse sua sonata em mi-menor, em *alegro,* pois isto não estava em seus originais, e aconselhava a fazê-lo *lentamente,* pois quando compôs a dita sonata tirou o tema da melodia de Vivaldi, e tinha em mente a grandiosidade de uma catedral. Ora, a pianista tocava como estava assinalado na edição de Davi.

Ninguém sabia nada daquilo. Depois de trabalhosa pesquisa, descobre-se a sonata e o tema; não havia nenhum sinal musical quanto ao *tempo.* O assinalado por Davi não era portanto autêntico, tal como dizia Bach. (Barão Erik Palmstierna.—*Message medianici).*

Onde estaria escondida a fonte hipnótica? Não havendo o sinal musical, onde estariam as sinalizações do 1.º e 2.º graus? Essas sinalizações é que é preciso assinalar.

Note-se ainda o seguinte fato: Nos casos de animismo, lucidez, desprendimento, irradiação, bilocação, o paciente, ou não sabe dizer onde hauriu seus informes, ou se limita a esclarecer: — eu vi, eu ouvi, eu notei, eu percebi, me disseram... Nos casos de Espiritismo, entretanto, os comunicantes afirmam-se Espíritos. De sorte que — e aí é que está a curiosidade, — acertam em tudo, dão as mais seguras e exatas informações, fazem pasmar pela verdade, pela realidade do que asseguram. Num ponto, porém, enganam-se ou pretendem enganar, é na sua gênese; dizem-se obstinadamente Espíritos, quaisquer que sejam as opiniões do operador ou do operando. Não há meio de revelarem a sugestão endógena ou exógena. É inacreditável!

Vamos a outra ordem de fatos em que é invariável e pertinaz aquela mania.

Temos a chamada literatura de além-túmulo, onde os literatos também vivem a teimar que são escritores falecidos. E' Scaramuza, um artista italiano, sem cultura literária, que se põe a escrever um «Poema Sacro», magnífico, e cuja autoria atribuiu ao Espírito Carlo Goldoni. E' o operário James, na América, que recebe de Dickens o final de um romance. E' William Sharp, que escrevia novelas geniais e se assinava Fiona Macleod, o Espírito inspirador, fato que só se veio a saber e verificar depois de sua morte, tal como se deu com o célebre romance «*A Cabana do Pai Tomás*», origem da abolição da escravatura nos Estados Unidos; a Autora viva era Henriette Beecher-Stove; os verdadeiros novelistas estavam no Espaço. E' Esther Dowen, que recebe mensagens, comédias, obras de Oscar Wilde. E' a Sra. Curren, que es-

creve um poema em linguagem e estilo antigos e se assina Patiente Worth, trabalho que os escritores britânicos acharam impossível reproduzir e demonstrava uma erudição filológica jamais vista na Inglaterra; Patiente dizia ter vivido na Terra alguns séculos antes; os seus escritos imortalizariam um escritor. E' Geraldine Cummins, na Irlanda, que transmite pela escrita automática, a História do Cristianismo Primitivo; os *Escritos de Cleophas* são assinados pelo Mensageiro, como os da mesa falante nas sessões de Vitor Hugo pela Sombra do Sepulcro, os da psicografia de Moses por Imperator... E' Rosemary, que recebe a voz do Egito: dá o nome de Lady Nona, diz-se filha de um faraó, e suas revelações sôbre aquêle país em tempos longinquos, com sua linguagem, seus costumes, suas inscrições, sua religião, seu governo, abalaram profundamente os egiptólogos do Arquipélago. E' Bonsard, que por visualização e tiptologia, escreve romances, comédias, filmes. E' uma jovem de 14 anos, que reproduz automaticamente a «*Vida de Joana d'Arc*» e as «*Confissões de Luiz XI*». E' Fernando de Lacerda, em Lisboa, com as mensagens dos escritores patrícios. E Ivone Pereira, com romances e obras filosóficas, no Rio de Janeiro. E' Cândido Xavier, em Minas, com uma série de escritos em prosa e verso, de autores nacionais e portuguêses, nos seus estilos, alguns inimitáveis, e apanhados ao correr do lapis.

E se me reportasse aos casos clássicos ou históricos, poderia referir-me a Sócrates, cujos ensinos imortais perduram até hoje, mas que se dizia inspirado por um espírito. um «genio» (daimon), e êste lhe falava até nos ouvidos; a Vergilio, que escreveu a Écloga por inspiração; a Pitágoras, que teve a ditar-lhe os princípios filosóficos o Espírito Phenomenoe; a Tasso, a quem Renaud transmitiu o *Ariosto;* a Blake, a quem Milton bosquejou os seus escritos. E passo de largo pelos fundadores de religião...

É verdade que tem aparecido uns imitadores de estílo para mostrarem como a coisa é feita. No estrangeiro levam-se mêses para conseguir a imitação, nem sempre feliz; quanto aos nacionais, temos visto uns pastiches que são de penalizar os poetas mortos, e quando surge uma produção mais jeitosa, lá estão uns versos de pé quebrado e umas idéias ali metidas a gancho. Ora, os médiuns transmitem as produções ràpidamente, de vários autores ao mesmo tempo, e à vista de todos. Ainda havemos de voltar a isto.

Digamos, porém, que é de surpreender a razão por que tais *pasticheurs*, que se apresentam como médiuns, em vez de darem como suas as obras que lhes trariam glória e fortuna, escondem-se por trás de Espíritos, o que, fora a admiração de limitado número de gatos-pingados, só lhes acarreta trabalhos, aborrecimentos, injúrias, apôdos e pedras. Êles não passam por iluminados, mas por falsificadores. Haja vista o Chico Xavier, que vive a esconder-se de amigos e inimigos. É uma vida tão atribulada, já pelos que querem informes do Além, já pelos que o querem convencer da ilusão dêsses informes; assim dos que desejam que lhes digam coisas do Outro Mundo como dos que exigem que não as diga, que o médium chega a lembrar com saudades a vida pesada, ingrata e material da mocidade, ao compará-la com a vida espiritual da velhice. A imprensa clerical e científica proclama-o um embusteiro; a outra não lhe poupa ironias. Inegàvelmente, é extraordinária a vantagem do pastiche. Inacreditável!

* * *

Bem sabemos que o ilustrado Dr. Osmard, fora da fraude, não terá razões a opor-nos. Resta-lhe o desassombro de ter vindo à arena, enquanto a maioria dos seus colegas lançam pela imprensa, pela tribuna e por onde podem, seus indemonstráveis aforismos, e ficam depois a rir ironicamente e a silenciar prudentemente.

Carlos Imbassahy

Se o Evangelho alimenta a alma e lhe aponta o rumo da Verdade, lembrate, sempre que vires um infeliz faminto, de que o único evangelho da fome é o pão. Dá de comer a quem tem fome... — *JOSÉ BRÍGIDO.*

Espiritismo e Educação

Meus Filhos e o Ensino Religioso

GRANDE número de pais são indiferentes ao problema da educação religiosa de seus filhos. Sem exagêro, poderíamos dizer: a maioria. E por mil motivos, entre êles o da sua própria formação religiosa, em que não foram chamados a opinar. Quando adquiriram ente de razão, surpreenderam-se com um rótulo e se habituaram, daí em diante, a ostentá-lo como coisa absolutamente natural.

Ora, sabemos que a perfeita religião não é a que o homem **tenha,** mas a que êle **viva.** Aquêles que não vivem a sua, quer recebida tradicionalmente, quer livremente buscada, não podem estar animados do entusiasmo e do senso do dever de a transmitir a seus filhos, como algo útil e bom, como algo necessário. Muitos, todavia, estão cientes de suas responsabilidades e procuram encará-las com a máxima seriedade, não consentindo que ninguém se locuplete de sua desídia. Um protestante ou um espírita, por exemplo, sabe, via de regra, como agir, quando se acha em jôgo a formação moral e mental de seus filhos.

Eis por que, na espectativa de vir ao encontro dos pais que se preocupam com o tipo de educação religiosa dispensada a seus filhos matriculados nos estabelecimentos oficiais de ensino, trazemos a público, **data venia,** a carta que vimos de endereçar à direção do grupo escolar em que dois filhos do articulista fazem o curso primário. Pedimos apenas nos perdoem omitir o titulativo do grupo e o personativo da diretora. Fazemo-lo, tanto por evitar possíveis explorações, quanto porque, em sã verdade, só objetivamos salientar uma atitude.

«Feira de Santana, 5 de junho de 1961.

Exma. Sra.
Prof.ª
DD. Diretora das Escolas . . .
Nesta.

Estimada Colega:

Sem nenhuma queixa ou reparo específico a formular contra a orientação que se vem imprimindo às Escolas . . ., ora sob sua competente e superior direção, venho, entretanto, solicitar sua prestimosa atenção para o seguinte:

Como bem sabe a ilustrada Colega, a Constituição Federal estabelece que «o ensino religioso constitui disciplina dos horários das escolas oficiais, é de **matrícula facultativa** e será ministrado **de acôrdo com a confissão religiosa do aluno,** manifestada por êle, **se fôr capaz,** ou **por seu representante legal ou responsável»,** (art. 168, n.º V).

Porque tenho dois filhos menores incapazes, matriculados nas Escolas . . ., quero valer-me das aludidas prerrogativas e recomendações constitucionais, e declarar-lhe, para os devidos efeitos, que sou Espírita e que reservo a iniciativa de orientar religiosamente meus filhos de acôrdo com as convicções que elegi para norma de minha con-

duta perfeccional na presente existência, razão porque lhe comunico, nesta oportunidade, que êles não devem ser inscritos como freqüentadores de aulas de religião diferente da que sigo, nem compelidos a tomar parte em quaisquer atos ou cerimônias da mesma estirpe.

Acho, aliás, que é dever precípuo de todo pai cioso de suas responsabilidades assumir atitudes, como a que ora, livremente, assumo, de legítima e justificável coerência com as suas convicções e, mesmo, de excepcional importância para a continuidade da indispensável harmonia que deve existir entre pais e mestres.

Sabemos que a maior parte dos pais falta capacidade de iniciativa, digamos, até, coragem, para reivindicar seus direitos em matéria de tamanha delicadeza; daí os imprevistos de que, tantas vêzes, se tornam vítimas, constrangidos a tolerar situações embaraçosas, que poderiam ter sido providencialmente evitadas, se soubessem invocar, em tempo oportuno, as garantias e liberdades definidoras da cidadania.

Cabe aqui a pervelha advertência: antes prevenir, que remediar.

Agradecido pela atenção com que quiser honrar as ponderações da presente, envia-lhe atenciosos cumprimentos o colega e amigo...»

Osvaldo Requião

Feira de Santana, Bahia, 11 de junho de 1961.

Revides aos Contra-Rebates do Dr. Osmard

X

Falando-se do X.º trabalho,—Evocações e Invocações—, do nosso opositor, cuidemos apenas da parte que nos afeta, dada a carência de espaço.

Quanto ao que se disse, desmascarando a esperteza do Frei Boaventura, embora tarde, não ficou mal, se bem que o dr. Osmard também revela suas habilidades, nos seus ataques ao Espiritismo, a exemplo desta sua jogada: — «...o espiritismo, por suas práticas (...) *mal conduzidas* provoca mesmo psiconeuroses e outros males.» (nossos os grifos).

Aí, a sua insinuação foi habilidosa ao ter o cuidado de atribuir a práticas —*mal conduzidas*. Não há dúvida, mas não é só no Espiritismo, mas em qualquer outra atividade, não se excluindo a medicina, a prática quando não bem conduzida sòmente poderá provocar males. Mas que sabe o dr. Osmard das nossas práticas, quanto ao se conduzirem bem ou mal, se nos seus ataques ao Espiritismo, como demonstramos na Revista de 15-11-61, só fala de macumbas e terreiros, julgando aquêles por êstes? E a mais, dada a sua incompatibilidade com os conceitos da Psiquiatria, não nos preocupa sua opinião nesse campo, pois muito mais nos vale a palavra dos grandes mestres, tal como deixáramos na Revista de 15-2-62, aquêle exemplo do saudoso Prof. Franco da Rocha que, por si só, anula tudo quanto o dr. Osmard diz do Espiritismo nesse assunto.

Vejamos agora a extensão do fenômeno espírita, da qual nada citou na sua tese para explicar como obtê-la pelo hipnotismo, apesar de tanto alardear que Espiritismo é hipnose. Para tanto, aproveitemos esta sua frase, como introdução ao nosso comentário:—«O êrro, porém, fundamental, de frei Boaventura, é o mesmo dos espíritas: viver acreditando em fantasmas. E o sr. Casella deseja que eu leve isso a sério.»

Absolutamente. Não desejamos que acredite na nossa palavra. Mas como homem de ciência, naturalmente, não vai recusar a de Richet, cujo nome está tão condignamente apresentado nas suas literaturas. Se não lhe déramos antes, conservando no bolso, a prova de laboratório do célebre fisiologista, foi para não matar a polêmica logo de início. Assim, deixando-o falar a vontade, no que dera a conhecer nada ter aprendido de ética literária, apesar de seus 15 anos de jornalismo, os leitores tiveram a oportunidade de ver no nosso próprio campo, dentro de que acanhados limites os nossos adversários combatem lá fora o Espiritismo, entre os que ignoram a amplitude básica da nossa doutrina.

Vejamos enfim «A Grande Esperança», de Richet, onde o mestre, na pág. 99 referindo-se às experimentações do célebre Crookes, dirige esta crítica aos comodistas que, de ciência, só sabem negar o trabalho dos sábios: — «E' facílimo dizer que se enganaram e que foram enganados. E' uma objeção que está à altura do primeiro sabichão que aparece. Quando o grande William Crookes relata ter visto, em seu laboratório, Katie King, fantasma capaz de se mover, de respirar ao lado do seu médium, Florence Kook, o dito sabichão pode erguer os ombros e dizer: — *é impossivel. O bom senso faz-me afirmar que Crookes foi vítima de uma ilusão, Crookes é um imbecil*—. Mas êsse pobre sabichão não descobriu nem a a matéria radiante, nem o thálium, nem as ampoulas qus transmitem a luz elétrica. E assim, minha escolha está feita. Se o sabichão disser que Crookes é um farsante ou um louco, serei eu quem sacudirá os ombros. E pouco importa que rebocados pelo sabichão, u'a multidão de jornalistas — que nada viram, nem nada aprofundaram, nem nada estudaram—diga que a opinião de Crookes de nada vale. Não me admirarei. Se Crookes ainda estivesse só! Mas não! Há uma nobre pleiade de sábios (grandes sábios) que presenciaram êsses fenômenos extraordinários.»

Interessante, se fôssem de hoje essas palavras do célebre sábio, pela coincidência, todos diriam ter sido dirigidas ao dr. Osmard.

Vamos para frente, agora com uma das provas do próprio Richet, lendo-se na pág. 200: «Tive ocasião de observar, em condições de contrôle irrepreensível, um fantasma que era produzido por Marthe Béraud, na residência do General Noel, brilhante aluno da Escola Politécnica e comandante de artilheria em Argel. Êsse fantasma, que dava o nome ridículo de Bem Boa, pôde, soprando em um tubo onde se continha água de barita, fazer a água de barita embranquecer, como se a tivesse excretado de ácido carbônico, à maneira de um ser vivo. O fantasma achava-se de pé diante de Marthe que estava sentada. Fotografias esterioscópicas demonstrativas foram tiradas. Delane, os assistentes e eu vimos claramente o fantasma separado de Marthe.».

Embora todo o palavrório do dr. Osmard, de que Espiritismo é hipnose, ficasse aí sepultado, em tão poucas palavras, pois jamais explicou na sua tese como se dariam essas materializações pelo hipnotismo, vamos a mais esta declaração da atualidade, do Prof. Hornell Hart, colega de Rhine, ambos da mesma Universidade: — «Mais de três milhões de experiências, como as feitas na Universidade Duke pelo Dr. J. B. Rhine e em outros lugares, demonstraram que o espírito humano pode funcionar independentemente de espaço e tempo, como nós o entendemos. O fato de poder a nossa consciência observar e operar separadamente do cérebro e do organismo material reforça a minha crença em que a alma transcende o corpo. A teoria materialista da vida se acha na defensiva. A versão espiritual da realidade é que encontra agora apôio em provas ponderáveis.» (Seleções, maio, 1.960, pág. 102).

Veja aí agora dr. Osmard; aquilo que atribui a nós espíritas como êrro, por acreditarmos em fantasmas, são fatos comprovados pelos próprios cientistas nos laboratórios. O que está havendo, isto sim, é muita ignorância no assunto, faltando-lhe leituras sôbre a realidade dos fatos científicos. Aí está em poucas palavras a que nulidade se reduziu a sua propalada tese de que o Espiritismo é hipnose. Contudo, confiamos na sua honestidade, em que ao reeditar suas literaturas, acrescente essas verdades, ali naquele seu capítulo, onde por um lamentável êrro de interpretação, das palavras de Richet, Crookes e Rhi-

ne, atacou o Espiritismo através dêsses mesmos mestres que, como vimos, acham-se a nosso favor.

Aguardamos êsse seu ato de justiça.

E uma vez comprovada cientificamente a sobrevivência da alma, a própria razão nos induz a raciocinar que em algum lugar elas estariam habitando e evolucionando, cujos informes das condições e progressos, dêsses sêres de outro plano de vida, nos vêm dêles mesmos. E tratando-se de realidade comprovada através do tato, vista, fotografia e até da prova química, é infantilidade do dr. Osmard criticar nossa literatura psicografada, sem antes desmentir as provas do que dizem os mestres em favor da nossa tese espírita. Tal sua atitude, própria dos caçadores de popularidade, é anti-ética, jogando com a credencial do seu título acadêmico, para iludir a bôa fé dos seus leitores.

E diante dessas provas incontestáveis, com o nosso adversário abatido, sem possibilidade de recuperação, pois não sabemos o que mais poderá o dr. Osmard vir dizer aos leitores, depois dêsse golpe mortal para a sua tese materialista, poderiamos não mais nos preocupar com o que continuou dizendo nesse seu último esfôrço do seu — Evocações e Invocações —. Mas, para não abandoná-lo de uma vez, no seu triste desaponto, ao ver todo o seu trabalho perdido, diante de tão curtas frases, vamos reanimá-lo, atendendo ao exame desta outra sua frágil investida, quando procurou atingir pela segunda vez, mas novamente sem sucesso, o nosso digno colaborador, General Cornélio Wischral.

Como sabemos, a missão de Kardec foi demonstrar, através de sua doutrina, a sobrevivência da alma, objetivo êste plenamente atingido, conforme se comprovou até nos laboratórios, como acabamos de ver com Richet e outros. Mas, não se tratando de doutrina dogmática, é livre a seus adeptos extenderem-se em deduções, desde que se respeitem os fundamentos básicos doutrinários. Assim, o nosso colaborador, na Revista de 15-10-60, comentou a extensão da vida em todo Universo, portanto até nas pedras, determinando-a, não no conceito de espírito, que se interpretaria como um sêr individualizado, mas subjetivando-a no de alma, no sentido de potencial latente no sêio da materialidade.

E o dr. Osmard precipitou-se em criticar o nosso colaborador, sem perceber que êsse conceito da extensão da vida, sendo de fundamento evolucionista, na essência é conceituado também pelos materialistas. A diferença está que para êstes a vida se restringe à matéria e energia, de onde também deduzem as propriedades inteligentes ; enquanto para os espiritualistas essas duas conjugações cósmicas não vão além da vida vegetativa, na qual acrescentam em coexistência o atributo de alma para a vida inteligente. Mas, tanto para aquêles, adeptos da matéria absoluta, como para êstes do dualismo matéria e alma, a propriedade vivente, antes de sua manifestação nos reinos vegetal e animal, já se acha como potencial em latência em tôda a materialidade do Universo, como passaremos a ver.

A vida quando se manifestou na Terra surgiu em corpos orgânicos já construidos, os sêres monocelulares. Como a edificação dêstes corpos vivos jamais seria obra de uma repentina compulsão espontânea, a sua construção, antes de manifestar a vida, teria tido um antecedente evolutivo. Tal princípio teria se dado quando os elementos simples, no início da formação planetária, tomaram impulsos para se unirem em compostos afins moleculares, originando as substâncias minerais. Era o primeiro passo em direção à vida, cujo alvorecer se prenunciava nas combinações moleculares mais ativas que, evoluindo, alcançaram a fronteira da matéria viva, de onde seguiam para os primeiros corpos vivos organizados.

Ora, veja-se aí que a arquitetura dêstes primeiros sêres vivos é fruto de longo trabalho antecedente evolutivo. Objetivamente o homem apenas reconhece a vida a partir da sua manifestação nas primeiras edificações orgânicas, os sêres monocelulares ; mas subjetivamente se sabe que a construção dêsses corpos viventes é anterior a êsse limite originário, não se podendo concebê-los como ato de uma eclosão instantânea, por efeito de um golpe milagroso da natureza. O primeiro impulso tendo se dado com as uniões dos elementos simples, mineralizando-se, de onde se seguiram os reinos vegetal e

animal, a fase intermediária entre a matéria primária e a vivente situou-se nos minerais que, neste caso, representam a etapa pré da vida. Assim, subjetivar a vida nos minerais, portanto até nas pedras, é conceito evolucionista, válido tanto para nós espiritualistas como para os adeptos do materialismo. Leia-se um excelente artigo do competente Prof. Luiz Silva, em «Difusão Odontológica» (Red. rua Marechal Deodoro, 995, Juiz de Fora, Minas), do primeiro trimestre de 1962, de onde, para amostra, tiramos êste trecho:—«O reino mineral encerra a vida; o reino vegetal representa o rudimento da vida; o reino animal marca a síntese da vida.»

Se o dr. Osmard ainda está em dúvida, desafiamo-lo a que experimente equacionar a vida planetária, sem passar pela fase dos minerais. Se conseguir, damos-lhe a mão à palmatória. Caso contrário cumpre-lhe capitular e melhor conhecer o seu materialismo, para não mais cair nesses tropêços, ao contrariar sua própria tese, a exemplo dessa sua malograda crítica, diante daquela justa exposição, do nosso colaborador General Cornélio Wischral.

Ainda, o dr. Osmard, continuando a mal informar seus leitores, foi mais longe, com ataques aos prestidigitadores de palcos e aos exploradores da mediunidade, como se o Espiritismo tivesse alguma coisa com essas atividades. E pior ficou-lhe ao devassar a vida particular de médiuns seus amigos, que lhe teriam confiado segredos familiares, no que teria deixado de alerta outras suas íntimas amizades. E com isso estaria menosprezando a intelectividade dos seus próprios admiradores, da honrosa classe médica, ao julgar iludi-los, com tão fraco padrão de ataque, pensando que assim já teria desmentido o fenômeno espírita.

Mais ainda se prejudicou, ao apedrejar-nos pelas costas, com críticas a psicografias elaboradas sob nossa responsabilidade doutrinária, como sejam, as do Chico Xavier, cujas particularidades, restritas aos estudos entre os adeptos da doutrina, estão isentas de discussão, porque a ninguém impomos aceitá-las. Contudo, se ao invés de ironias, tivesse ali cuidado da parte científica, que seria de interêsse na polêmica, os seus leitores veriam que, na verdade, as nossas psicografias não contrastam com a ciência, como acontece com as suas literaturas. Um exemplo temos nos nossos conceitos psiquiátricos, harmonizando-se com a disciplina dos grandes mestres, enquanto os das suas literaturas de hipnose são desastrosos, como bem se vê nestas poucas amostras, relembrando algo, do que já lhe acusamos até o momento:

Sem falar na sua confusão entre desequilíbrio e debilidade mentais, e mais a loucura, quando cada qual é uma entidade clínica diferente, injustiçou os diretores de Sanatórios para Débeis Mentais, de que teriam responsabilizado os Centros Espíritas pela debilidade mental, cuja declaração seria uma tolice, pois a origem dessa patologia, se não vem com o nascimento da vítima é adquirida na infância, por morbidez de comprometimento orgânico cerebral.

Também, de Hipocrates, onde se diz do predicado lábil, no sentido de tipo vivo, móvel, inverteu isso como labilidade da inteligência e, como exemplo, citou sintomas do histerismo (!). E para maior confusão disse que «Labilidade Mental» é inteligência, quando (notem o contraste) aquela característica, como bem diz a rotulagem, é de doentes mentais, os coreicos.

Por isso, com êsse seu avêsso cientificismo, temendo um ajuste de contas desvantajoso para o seu prestígio literário, acobertou-se com ironias, disfarçando sua hábil retirada, ao pretextar de que não leva a sério o que vimos dizendo. E assim elaborou suas literaturas, onde, julgando todo o certo como errado, precipitou-se não apenas contra o Espiritismo, mas até contra a disciplina dos seus próprios mestres, como lá está na pág. 7 do seu Hipnose e Letargia, criticando os atuais psiquiatras, — de já não pensarem TÃO ERRADAMENTE como os seus antecessores da idade média. Como se vê, para o nosso descuidado antagonista, o certo seriam os seus contrastes, como os daquelas amostras que, para desgôsto dos seus distintos colegas, ainda diz que aquilo é linguagem têcnica médica que só os médicos a entendem.

E quanto ao se referir a «opera-

ções espíritas», não nos interessa, por não se tratar ainda de ensinos da nossa doutrina, mas sim, de sucessos mediúnicos espontâneos, segundo opinião favorável de ilustres facultativos, apoiada agora pelo dr. Osmard, que julgando tudo ao contrário, a sua oposição já seria uma inferência a favor.

Enfim, embora já deixasse sua tese ao abandono, ao recuar sob pretexto de não nos levar a sério, aquí fica praticamente terminada nossa polêmica, diante daquelas provas, de materializações, dos grandes mestres, colocando fora de ação seu conceito de que Espiritismo é hipnose, pois ninguém de bom senso vai deixar de acreditar em Richet, Crookes e Rhine, de capacidade e idoneidade irrefutáveis, com tantos feitos na ciência em favor da humanidade, para ser ingênuo em atender o dr. Osmard que, neste terreno, só apresentou confusões e contradições.

V. O. Casella

Caixa Postal 153—Araraquara—Est. de S. Paulo

A Psicografia na Televisão

O fenômeno espírita que mais tem contribuido para a divulgação do Espiritismo no Brasil é a psicografia que identifica pelo estílo o autor de um trabalho literário de arte, principalmente em versos, recebidos rapidamente diante de nossos olhos, em estilo de bom poeta.

O aparecimento de «Parnaso de Além Túmulo», há trinta anos, marcou início de uma nova era em nosso movimento, convencendo a uma geração de intelectuais da realidade das mensagens espíritas. Se os bons fenômenos de materialização constituem excelente prova, têm contra si o fato de só poderem realizar-se em pequenas rodas e no escuro ou com pouca luz, atingindo a pequeno número de pessoas, enquanto que a psicografia ocorre diante do grande público e em plena luz.

Até agora a sessão de psicografia vista por maior número de pessoas no Brasil realizou-se em 5 de Maio de 1962, diante das câmaras de televisão da TV Rio, canal 13, numa reportagem de Flávio Cavalcanti, que foi vista e ouvida por milhões de pessoas e ficou gravada em **video-tape** para o futuro.

O repórter obteve mais do que pretendia, pois que desejando entrevistar um médium, encontrou dois na entrevista: Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira, pessoas de diferentes idades, diversos graus de instrução: o primeiro só tem instrução primária e o segundo tem dois diplomas universitários e apenas trinta anos de idade, enquanto o outro tem cincoenta e dois anos.

Ambos responderam às suas perguntas e ao serem interrogados se seria possível receber uma mensagem diante das câmaras da TV, responderam que poderiam pedí-lo; concentraram-se durante alguns segundos e receberam em uns três minutos dois belos sonetos, simultâneamente.

Waldo Vieira recebeu um soneto de Cruz e Souza, dando-nos bela lição de Carma, contando os motivos de haver em sua última encarnação nascido negro, filho de escravos; Francisco Cândido Xavier escreveu um belo soneto alexandrino de Felix Pacheco, prome-

tendo-nos o triunfo da navegação interplanetária.

Vamos deixar registrados aqui êsses sonetos, porque marcam em nossa esperança o começo de uma época de divulgação mais rápida de nossa Doutrina, para que ela possa cumprir sua missão de transformar o mundo e vencer para sempre o triste materialismo de nosso século que vive apavorado diante das ameaças de destruição da vida mesma no planêta.

Nas vertigens da visão

Vândalo audaz, herói das cimitarras,
Vi-me à frente de guerras carniceiras,
Fulvo tropel de heráldicas bandeiras,
Rios de sangue, lúbricas fanfarras.

Largas legiões famélicas, bizarras;
Lama, lodo, letíficas trincheiras,
Bárbaro louro em asas condoreiras,
Era o abutre da morte, inflando as garras.

Finda a pompa na clâmide funérea,
Volvo ao cárcere estreito da matéria,
Preso a ventre cativo em mar de abrolhos.

Tântalo reencarnado entre os vencidos,
Pago os troféus de torvos tempos idos,
Com lágrimas flamívomas nos olhos.

CRUZ E SOUZA

Ao encontro do Além

Homem, pára um momento onde sonhas e esperas!...
Pára e contemplas os Céus... No Espaço, de ala
[em ala,
Fulgem constelações... A vida canta e fala
Pela tuba dos sóis em flâmeas fotosferas.

Há mundos aurorais, por divinas esferas,
Quais suspensos jardins, entre lumes de opala...
E além, no Mais Além, a sombra circunvala
Os planetas de dor em lágrimas austeras!...

Na imensidão do Cosmo, o Universo cintila!...
Não mergulhes no lodo, anjo preso na argila,
Trabalha e aperfeiçoa, enquanto aprendes e erras!...

Cultiva paz e amor, nos áureos tempos novos,
E encontrarás, em breve, os lares de outros povos
Para enlaçar cantando os irmãos de outras Terras!...

FÉLIX PACHECO

Quem não veja nestes sonetos muita beleza artística e preciosos ensinamentos, deve estar prejudicado por uma cegueira fanatizante, incurável nesta encarnação, mas virão a compreendê-los em outras encarnações, quando tiverem olhos de ver e ouvidos de ouvir, ou mesmo pelo alfabeto de Braille, porque os versos ficarão na revista dos cegos publicada pela SPLEB.

Ismael Gomes Braga

Mentalidades...

DOIS mundos se defrontam, perfeitamente antagônicos, nêste ciclo definitivo da História da Humanidade: o dos homens espirituais e o dos homens materiais. Se não há como excluir os últimos da sua honrosa graduação de sêres racionais, também não há como deixar de estabelecer entre êles e os homens espirituais uma evidente diferenciação que divide a Humanidade em duas raças distintas: a dos que transitam, conscientemente conhecedores da sua condição de Espíritos, para objetivos providenciais de progresso, pelos ásperos caminhos da materialidade, sempre inteligentemente voltados para os albôres do novo dia de sua libertação carnal e a dos que fazem o mesmo percurso no desconhecimento consciente dêsses objetivos, aos quais, contudo, obedecem pela fatalidade incorcível das eternas leis de Deus, que agem a benefício dos Filhos de Deus, quer êstes queiram ou não queiram, segundo sejam Espíritos já conscientes dos seus destinos, ou ainda estejam nos estados de inconsciência moral, que carateriza muitos irmãos nossos, ainda que pertencentes às mais altas camadas intelectuais da humana espécie.

Pietro Ubaldi, em seus possantes livros de espiritualização dos homens, condicionou êsses dois tipos de homens em duas classes: a dos *evoluidos* e a dos *involuidos*, não havendo vaidades a alimentar nessa classificação, antes uma

piedade imensa que nos faz verter lágrimas de amargura, sempre que nos defrontamos com alguns companheiros de jornada terrena, obsecados em um materialismo impenitente. Por êles, o que fazemos é erguer nossas preces a Deus.

Não consentiremos, porém, que nos levem ao ridículo, pois que muito amor consagramos à Verdade, contida na sagrada Doutrina do Cristo, de que o Espiritismo veio restaurar tôda a sublime evidência que o riso de mofa e os insultos do orgulho materialista, vinham tentando obscurecer, valendo-se para isso da falência das religiões sacerdotais que, apegadas ao dogma, não mais puderam conter a onda das reações que o intelectualismo materialista engendrava.

Ao riso insultuoso dos *involuidos*, capacitados, não obstante, de que são os únicos em condições de assimilar os altos conhecimentos da orgulhosa ciência hodierna, responderemos com a afirmativa peremptória da nossa fé, agora felizmente tôda firmada na lógica dos mais elementares raciocínios que nos demonstram a existência de Deus, a imortalidade da alma e a possibilidade da sua permanência constante ao lado das outras almas que ainda se acham escravizadas à carne, para amenizar-lhes as angústias do cativeiro com um convívio que recìprocamente as eleva e suaviza as agruras da existência das que ainda se encontram cativas.

A nossa mentalidade é a dos simples e ingênuos, no dizer dos corifeus dêsse materialismo impenitente que resiste a todos os chamamentos que lhes são feitos do mundo espiritual: e estamos muito satisfeitos com a nossa simplicidade e a nossa ingenuidade, pois que correspondem à nossa humilde condição de novos discípulos de Jesus, aos quais o Mestre continua advertindo: «Se tiveres fé, mesmo que seja do tamanho de um grão de mostarda, direis a êste monte: passa — e êle passará»; o mesmo Mestre que se entristeceu diante da atitude de Tomé: «Tu creste, Tomé, porque viste: bemaventurados os que não viram e creram».

Para os homens da nova mentalidade, para os evoluidos, que não se orgulham dessa condição, mas se alegram de encontrar-se nela, não há mais obscuridades nessa passagem, que tem sido tão difícil de transpôr, até agora pela humanidade e a que o Espiritismo veio dar a sublime significação de passagem das trevas para a luz, da morte na carne para a vida no espírito — e que é o fenômeno natural da desencarnação, temido como perda da personalidade pelos que não têm a mente voltada senão para as precárias realidades da matéria.

Os Espíritos têm-nos instruido satisfatòriamente sôbre as coisas do mundo invisível: aos homens, o dar-lhes crédito ou não. Aos primeiros antolha-se a Morte como o deslumbrante vestíbulo da verdadeira vida, que nos possibilita a realização das nossas mais belas aspirações de progresso intelectual e moral. Aos que não acreditam, ainda os mesmos Espíritos trazem o consôlo de lá poderem encontrar as únicas coisas em que crêem, que são as de ordem material, como sucede à colônia do além, chamada «Nosso Lar», pejorativamente tratada pelo nosso irmão Osmard Andrade, mas que é justamente a que lhe convém, dada a mentalidade ferrenhamente materialista em que se deixou envolver e que muito o levará a lamentar-se quando verificar o tremendo êrro a que se apegou nesta última encarnação, êrro que o levou a faltar completamente à ética jornalística, abusando da hospitalidade que lhe deu a Revista de Cairbar Schutel, por todos nós muito querida e que o nosso irmão materialista transformou, em sua coluna, num feroz adversário do Espiritismo, chegando à suprema invectiva de dizer que «Boaventura reduziu o Espiritismo a nada», reproduzindo inverdades e calúnias.

Não é uma linguagem, essa, que possa elevar, no conceito dos seus contemporâneos, um homem que se diz de ciência. Lembre-se o dr. Osmard Andrade de que o Espiritismo conta em sua fileira com um grande número de colegas seus, médicos tão compenetrados dos seus deveres como os que mais o sejam: ao menos por essa razão a nossa doutrina deveria merecer do exaltado plumitivo um pouco mais de discrição e de respeito.

Aqui fica o protesto de um espírita militante.

Arnaldo S. Thiago

Uma advertência de André Luiz

Deolindo Amorim

Muitos confrades nossos, sem dúvida, já leram o interessante livrinho, intitulado *Conduta Espírita,* ditado pelo Espírito de André Luiz e recebido pelo médium Waldo Vieira (Edição da Federação Espírita Brasileira). É um livro oportuníssimo, justamente porque os conselhos e as advertências nêle contidas servem para tôdas as situações de nossa vida. Os períodos são pequenos, sempre rematados com uma frase curta, como se fôssem doses homeopáticas, mas a verdade é que, com o seu admirável espírito de síntese, que não é fácil, a entidade comunicante ensina muita coisa para a nossa vida de relações.

No capítulo que se refere à conduta «perante nós mesmos», por exemplo, há um ponto, que se aplica, em cheio, sem tirar nem pôr, à situação de muitos companheiros nossos em face do trabalho na seara espírita. Vejamos bem o que diz o criterioso conselho do espírito, quando se refere a tarefas humanas:

> *Recusar várias funções simultâneas nos campos social e doutrinário, para não se ver na contingência de prejudicar a tôdas, compreendendo, ainda, que um pedido de demissão, em tarefa espírita, quase sempre equivale a ausência lamentável. O afastamento do dever é deserção.*

Advertência inteiramente cabível e necessária. E' inútil, senão até prejudicial às próprias instituições espíritas, aceitar muitos encargos e ocupar diversos cargos ao mesmo tempo, quando já se sabe, pela experiência da vida prática, que ninguém pode fazer muita coisa de uma só vez, a não ser que se habitue a trabalhar atabalhoadamente, sem concretizar coisa alguma. Daí, pois, a oportunidade do luminoso conselho de André Luiz quando nos diz que devemos recusar *várias funções simultâneas,* a fim de não criarmos dificuldades a instituições que muito precisam de assistência constante. E' certo que existem casos especiais, aliás muito meritórios, em que alguns confrades, por falta de elemento humano, não tendo, portanto, quem queira colaborar, são obrigados a desempenhar diversas funções ao mesmo tempo. Isto, porém, não deve ser uma regra. O que a prática demonstra, em tôda parte, é que a dispersão de esforços, sem um objetivo concreto, é prejudicial a qualquer movimento.

Há pessoas, aliás bem intencionadas, que querem fazer muito de uma só vez, querem chamar aos seus ombros uma série de tarefas, mas não podem realizar o que desejam, porque não têm tempo, não podem atender a muitas solicitações. É preferível fixar-se por mais tempo, aqui ou alí, entregando-se, de coração, a determinada obra ou sociedade, do que arcar, ao mesmo tempo, com responsabilidades várias e, por fim, não poder trabalhar com eficiência, nem lá nem cá... Sabemos de pessoas, aliás muito dedicadas, e que desejam servir muito à Causa espírita, mas não podem produzir tanto, como seria de esperar, justamente porque tomam compromissos demais, aceitam muitas tarefas, fazem parte de duas, três, ou quatro diretorias de Centros e Grupos, não podendo, por isso mesmo, desenvolver a sua capacidade ou aplicar bem o seu idealismo em benefício de nenhuma dessas sociedades. O espírito está, portanto, com tôda a razão, quando nos diz que devemos *recusar várias funções simultâneas,* a fim de que o nosso trabalho seja mais produtivo e duradouro.

Já notamos, pelas nossas observações pessoais, que ainda não existe, em nosso movimento, ressalvando-se as exceções, um critério prático na escolha dos elementos que devem compôr as Diretorias, os Conselhos e as comissões especiais das sociedades espíritas. Na maioria dos casos, o que prevalece é o velho critério da amizade, sem se procurar saber se o companheiro eleito para o cargo está em condições de colaborar diretamente. Ser diretor e não

comparecer sequer às reuniões da Diretoria, não tomar conhecimento de que se passa na instituição, é prejudicar indiretamente a própria sociedade, por mais simples ou menor que ela seja. Quase sempre, a culpa não é de certos confrades, é da falta de um critério mais sensato, sem influências sentimentais. Veja-se bem o que acontece, geralmente, quando se organizam Centros Espíritas ou quando se fazem renovações de diretorias. Não se cogita de selecionar elementos que possam e queiram colaborar, porque a principal preocupação é de agradar a certas pessoas, não ferir os melindres de A ou B, prestar homenagem a figuras venerandas, etc. Resultado: forma-se uma diretoria por afeição, por amizade, sem indagar das possibilidades de cada um dos eleitos. Todos são bons, todos são capazes, todos merecem confiança, mas a verdade é que nem todos podem desempenhar certas funções, e, além disso, é preciso notar que, muitas vêzes, o companheiro é escolhido e eleito à revelia, quando já faz parte de outras sociedades, já pertence a outras diretorias e não pode mais atender a novos compromissos. O maior prejudicado é o Centro. A história, na maioria dos casos, é sempre a mesma: Fulano deve ser o presidente, porque é nosso amigo; Beltrano deve fazer parte da diretoria, para não ficar mal satisfeito; Sicrano precisa ser pôsto em qualquer lugar na diretoria, porque não pode ficar de fora. É sempre assim...

E depois? Quando chega a hora de tomar a charrua e cada qual desempenhar a sua função, começam a surgir os problemas, porque Fulano, Beltrano e Sicrano já estavam comprometidos com outros movimentos, já tinham as suas tarefas e entraram nisto, apenas para *constar*. E' ou não é um êrro? Eis, aí, um critério prejudicial às próprias organizações espíritas, embora tenha um fundo afetivo ou sentimental. Outro êrro e êrro que se comete constantemente no meio espírita, é o de se «desvestir um santo para vestir o outro», isto é, deslocar um elemento útil e eficiente de uma sociedade para outra. Ora, se o companheiro já está prestando os seus serviços a determinada instituição, se já está comprometido com esta ou aquela Sociedade, onde a sua presença é muito necessária, não se deve, de forma alguma, querer deslocar êsse companheiro para nova agremiação. No entanto, infelizmente, não é assim que se tem precedido, em muitos casos. Quando se funda um Centro, uma instituição qualquer, vem logo a preocupação de escolher gente ativa, capaz, dedicada, etc. Até aí, muito certo. Acontece, porém, que a nova sociedade procura atrair elementos que já estão integrados em determinadas instituições e, por isso, deveriam ficar onde estão, não é verdade? Depois de certo tempo, é um companheiro sobrecarregado, com tarefas simultâneas, e são duas sociedades prejudicadas, porque êsse companheiro não pode demorar-se em dois lugares. Não seria melhor escolher gente sem compromisso, gente que não pertence a outras diretorias, a fim de poder entregar-se assiduamente à nova instituição, evitando as atribuições simultâneas, de que nos fala André Luiz em sua ponderada advertência?

Vamos relatar, aqui, muito de propósito, uma ocorrência curiosíssima. O fato passou-se em determinado Centro Espírita, de nosso conhecimento. Havia, nesse Centro, um Secretário exemplar: competente, pontual, rigorosamente cuidadoso, com tôda a correspondência sempre em dia. O Centro estava, portanto, muito bem servido de Secretário, e uma Secretaria bem organizada vale muito na vida de qualquer instituição. Pois bem, certa vez apareceu por lá um visitante, que era diretor de um Centro, viu a organização da Secretaria, admirou o trabalho do Secretário, fêz elogios etc., mas não teve o menor constrangimento em fazer insinuações para que êsse nosso confrade fôsse para o seu Centro. E' ou não é de espantar?... Interessante: o confrade queria um excelente secretário para o *seu* Centro e não se lembrou de que, com isto, iria prejudicar o outro Centro, que também é espírita e tem o mesmo objetivo. De que serve, finalmente, compôr uma diretoria com elementos de primeira ordem, como se diz, desfalcando o quadro administrativo de outras instituições, que também precisam de pessoas competentes e prestimosas? Isto é caridade? Não sabemos, francamente... Não será um pouco de egoísmo? Todo mundo diz que a seara espírita é uma

só, todo mundo proclama que a prática do Bem é universal, não tem fronteiras, etc. Entretanto, o que vemos, a cada passo, é muito gente pensando apenas em *seu* Centro, acima de tudo, antes de pensar na Causa espírita, que é geral. Cada qual quer levar para o *seu* Centro os elementos de valor, as pessoas que podem produzir mais, ainda que tenha de prejudicar as instituições a que tais pessoas já estão vinculadas. E' difícil, neste caso, saber até onde vai a noção de caridade ou quando começa o sentimento de puro egoísmo.

Por incrível que pareça, já tivemos notícia de uma instituição, que chegou ao cúmulo de insinuar a certo orador espírita que não falasse mais em lugar nenhum, para não gastar energias por aí a fora, porque seria melhor e mais proveitoso falar apenas em *sua* tribuna. Quem quisesse ouvir o orador, que fôsse lá. Boa idéia... Não compreendemos certos procedimentos no meio espírita, onde tanto se fala de caridade, de amor, de solidariedade. Tudo isto nos faz pensar muito na lição de André Luiz, em *Conduta Espírita*, principalmente quanto ao modo de se distribuir tarefa no meio espírita. O problema não é de atrair o material humano, é de saber aproveitar êsse material com equilíbrio, sem prejudicar instituições já existentes e sem forçar o bom trabalhador da seara a desempenhar funções simultâneas.

Hipnose e Espiritismo

Osmard Andrade

XI — ABSTRATOS E CONCRETOS

«O homem é o parâmetro de tôdas as coisas; das que são, enquanto são e das que não são, enquanto não são».

Antes que o sr. Casella, sem entender, classifique isso de estúpido, devo advertí-lo que o conceito não é meu e sim de Protágoras, filósofo que viveu cinco séculos antes de Cristo. E a respeito de cuja opinião, comentou judiciosamente Gibson Lessa :—«Que nós outros, cidadãos dêste século, contemporâneos da relatividade de Einstein, concebamos uma barbaridade semelhante— *suspeitar que nada existe, em verdade, fora de nós; que todo o mundo exterior é mera projeção do nosso pensamento*— eis uma atitude que até há pouco se poderia classificar depreciativamente de *solipsista*, mas que agora se justifica plenamente, à luz dos postulados da física moderna, quando, vivendo a epopéia da desintegração atômica, vemos a Matéria — aquela coisa imutável, indivisível e imóvel de Parmênides e de Aristóteles — transfigurar-se em um fantasma de luz e fugir pelo espaço, escapando de Parmênides, de Aristóteles e de todos os seus sucessores, à pasmosa velocidade de 300 mil quilômetros por segundo. Sem dúvida que uma idéia dessas—admitir que nada existe em verdade, exceto a ilusão humana de que tudo verdadeiramente existe—haja passado pela cabeça de um sofista, humildemente perdido nos confins do século V AC, eis aqui o fantástico! Êsse profeta foi Protágoras. Sua sentença é o que há de mais sintético e mais simples na literatura filosófica de todos os tempos. Talvez jamais, com permissão dos britânicos, tanto tenha sido dito e tão bem em tão poucas palavras, abarcando num só golpe de intuição, a gigantesca relativi-

---

NOTA n.º 7 —Contra-rebate n.º 4, nov.º, 61 — «Tôdas as doenças mentais que não são congênitas, foram adquiridas na infância, por ocasião de epilepsias, meningites, etc.» — É como eu digo; o rapaz entende de tudo e sôbre tudo diz coisas dessa natureza. Insisto em pleitear para o sr. Casella, o prêmio Nobel!

NOTA n.º 8 —Contra-rebate n.º 4, nov.º, 61—«Deverá antes não se esquecer de que, no ano passado, não fôramos nós que estávamos no Rio, *ouvindo opiniões de alguns altos níveis sôbre os nossos rebates!*» (SIC) viram? Além de genial, modesto! De uma «modesticidade descuidadosa».

dade que vai da solidão mental do ser que pensa à multidão macrocósmica e microcósmica *dos seres que são pensados, e sempre na medida humana em que são pensados, hajam sido pensados ou venham a ser pensados,* galáxias ou fotons. Como um autêntico profeta da sabedoria moderna, Protágoras atravessa 25 séculos de História e sacode diante de nossos olhos assombrados, a mensagem que 25 séculos de filosofia não conseguiram refutar: — o homem é o parâmetro de tôdas as coisas; das que são enquanto são e das que não são, enquanto não são».

Aí está, caro amigo Casella uma gloriosa tarefa: refute o que conseguiu atravessar 25 séculos de filosofia. Mas cuidado que nesse trecho há certas palavras que exigem um pouco de leitura.

E agora, uma declaração que certamente deixará o sr. Casella confuso e boquiaberto: eu acredito em espíritos. Penso, aliás, que já deixei isso dito logo no princípio. Quando acrescentei que creio neles com a mesma firmeza de convicção com que aceito Papai Noel, Sacy Pererê e coisas tais.

Porque para mim, amigo Casella, *até o abstrato é concreto!*

Mas vamos devagar. Invocando os testemunhos de Descartes e Lavoisier.

Penso, logo, existo, resume a filosofia cartesiana. Resta saber, se pensamos, porque pensamos. E isso não é tarefa para nós. Mas quaisquer que sejam as dúvidas que ainda restem sôbre o fenômeno da elaboração do pensamento, o que parece estar claro é que o funcionamento cerebral se faz, entre outros processos, por um de natureza eletro-dinâmica por diferenças de potencial, às custas de um ambiente hidrosalino no qual está mergulhado o organismo todo. Provas disso são os diferentes registros que se obtém do funcionamento cerebral através dos eletroencefalogramas, semelhantemente aos obtidos da mecânica cardíaca (e muscular). O estímulo de condução nervosa reune tôdas as características de eletrodinamismo. Também sabemos hoje, mercê de estudos continuados e comprovações inumeráveis que o meio interno possui características eletrolíticas, mutáveis de acôrdo com as concentrações salinas, e que a alteração de tais concentrações iônticas pode provocar distúrbios funcionais de qualquer órgão do nosso corpo, principalmente o cérebro. Tal eletro dinamismo, em resumo, importa na produção de energia e o binômio energia-matéria merece destaque. Isto sem falar na radiação da matéria, terceira qualidade que poderíamos acrescentar ao painel, mas que vamos deixar de lado por ora.

Considerando-se ademais — e a filogênese o comprova — que tão mais complexo e evoluido seja o cérebro, mais requintadas são as suas propriedades elaborativas; também o fato de que a alteração da concentração do meio interior modificando-lhe as qualidades iônticas, provoca iniludivelmente alterações do comportamento, da conduta e da inteligência, cremos não ser abuso aceitar que o cérebro não seja um mero suporte de emanações exteriores mas o substrato anatômico da inteligência. E que funciona a partir de um mecanismo eletrodinâmico com produção de energia, aquilo que alguns irreverentes apelidaram de «energia mental» deturpando o significado da expressão enérgia e glosando-lhe a conceituação puramente física.

Vai daí, o sr. Casella pensa, o que não é nenhuma irreverência de nossa parte. Não importa o que êle pense, mas pensa cartesianamente, ou seja, existe. Suas células cerebrais, perto de 16 bi-

---

NOTA n.º 9—Contra-rebate n.º 6, jan.º, 62—Os leitores da RIE já devem estar cansados de me ouvir dizer que as expressões usadas em reflexologia não têm qualquer ligação com a psiquiatria. Depois de tudo, eis como o sr. Casella entendeu bem a coisa:—«Mas sob análise da psiquiatria trata-se de um perturbado mental. E é por esta ciência que discutiremos!»—«Labilidade é doença mental, que no tratado de psiquiatria do prof. H. Roxo *pelo qual seguiremos,* é rotulada de metatimia...»—«Busquemos alguns daqueles exemplos apresentados como reflexològicamente normais e vejamos a rubrica psicopática de cada qual...»—«A reflexologia do nosso antagonista não tem amparo na psiquiatria...»—Quando frequentou escolas, o sr. Casella deve ter sido o desespêro dos professôres. E no fim o malcriado sou eu!

lhões delas elaboram energia que poderia ser até anotada em gráficos e feita registro luminoso conforme o conseguiu Cazzamalli. Poderia até estar pensando — vamos atribuir um pensamento ao sr. Casella, com a sua permissão — num outro homem notável da história científica: Lavoisier. «Em a natureza, nada se perde, nada se cria; tudo se transforma». Verifiquem agora o pensamento do sr. Casella feito energia, vibração, partícula, a perder-se no espaço, percorrendo-o à razão de tantos mil kilômetros por segundos. Perde-se disse eu? Perdão. Não se perde, acalme-se. Transforma-se. Mais tarde pode até, mercê de suas características fazer-se novamente matéria. Como? Não me perguntem. Essa história complicada de E=MC.2 só pode ser bem ventilada por duas pessoas, uma delas, já falecida, o sr. Albert Einstein e que bem poderia «voltar» para ajudar aos espíritas, e a outra, o sr. Imbassahy Júnior, reconhecida autoridade em assuntos de física. E o sr. Casella, querendo, que contradite aos dois.

Viram de que maneira, então, o pensamento do sr. Casella, de coisa «abstrata» (no bom sentido, amigo), pôde concretizar-se, tomar «forma», ser algo, vibrar, assumir o aspecto de partícula, e sobretudo, de não perder-se, podendo mais tarde recompor o binômio energia-matéria?

Lá está Protágoras: — o homem (o pensamento do homem, nos permitam) é o parâmetro, a medida, de tôdas as coisas; das que são enquanto são (enquanto nós as pensamos, as imaginamos, as criamos) e das que não são enquanto não são (até que o sejam).

Os espíritos, eis o caso.

Êles existem em função de nós mesmos, de crermos nêles, de os concebermos mentalmente, de os criarmos, de os materializarmos, de os concretizarmos. E passam a existir «fìsicamente», a partir de um choque bifronte energia-matéria. Novamente Gibson Lessa:—«A Criação: um mito. Mito criado, não pelo Criador, mas pela Criatura. O Criador havia sòmente criado a Criatura, cabendo à Criatura, criar o Criador, «ectoplasma» físico-químico, subproduto psíquico da Criatura, caleidoscópio de sólidos, líquidos, gazes, que se materializam e desmaterializam ao fulgor da Idéia, cenário fantasma passível de invisibilidade, de ser e de não ser simultâneamente, ao sôpro, não apenas da intuição metafísica (como sempre o foi) senão da própria curiosidade científica (como está sendo agora)».

E com isto creio que está chegando a hora de nos despedirmos dos leitores da Revista Internacional do Espiritismo. «E já não é sem tempo», dirão alguns dêles, justamente aqueles na opinião dos quais, os meus artigos nesta revista constituiram um tremendo libelo contra o espiritismo e o suicídio da revista. Mas não tive culpa nem propósito. Fui provocado. Fui chamado. E vim.

A princípio era também minha intenção discutir ao de leve fenômenos outros, de certa maneira ligados à hipnose. Isso aumentaria de muito a nossa digressão e o diretor desta revista já me reclama o espaço tomado, tendo eu

---

NOTA n.º 10 — Contra-rebate n.º 7, março, 62 — Releiam por favor a nossa nota n. 2, RIE de fev.º de 62, pg. 16. Lá está ao fim: Fala muito em fatos e laboratórios o sr. Casella. Mas o único fato que nos mostrou por enquanto foi a sua inexcedível modéstia... Prêmio Nobel à vista para um. Vejam agora como o sr. Casella entendeu a coisa: — «Reclamou que de fatos espíritas e de laboratório, por enquanto, *só falamos em Nobel,* — Não é, como eu insisto, um problema simples de saber ler? — Mas há coisas muito piores, inaceitáveis até numa escola primária. Vejam a nota seguinte.

NOTA n.º 11 — Contra-rebate n.º 7, março, 62—Escrevi o seguinte: — Seus assistentes (Charcot) voltados para o fenômeno hipnótico conseguiram induzir a *bom número* de pacientes. — Leiam o comentário do sr. Casella, uma rara jóia intelectual: — «Veja-se aí, um *bom número* de histéricas hipnotizadas INDICA BONS PACIENTES em hipnose. Viu a contradição? Ali, *bons (compatíveis)* e aqui, péssimos (incompatíveis). — Que tal? O sr. Casella confunde *bom número*—indicativo de quantidade — com bons pacientes — advérbio de qualidade —. Volto a insistir no Prêmio Nobel... de gramática!

ultrapassado os dois ou três artigos a que me propuzera. Fui a onze, realmente, e me penitencio por isto. Escrevo êste artigo final a 24 de junho. Não posso imaginar o que de agora em diante se dirá nesta revista — por intermédio do Casella ou de outros — contra mim, e lhes será doravante mais fácil a tarefa pois que pretendo não voltar. Lamento o trabalho que dei ao Casella mas de qualquer forma a ginástica mental lhe terá sido salutar.

E não posso esquecer ao final, um voto de louvor, de todo sincero, ao diretor desta revista, sr. A. Watson Campêlo, em quem reconheço, de público, as mais elevadas qualidades jornalísticas. Dirigindo uma revista de pensamento orientado, de doutrinação, de proselitismo, não seria de estranhar que se recusasse a publicar artigos frontalmente contrários a doutrina seguida e ensinada pela revista. Aqui eu disse o que quís e jamais tive uma só das minhas palavras censuradas. Partindo esta declaração expontânea de quem já foi censurado como jornalista e já foi censor como militar, vale ela como o elogio de um homem que coloca a ética profissional e o respeito à opinião alheia acima de quaisquer outros interêsses, mesmo os de ordem pessoal e filosófica Reclamaram dêle—sei disso — que divulgando a minha palavra estava levando a RIE ao suicídio. Os que assim disseram não conhecem o verdadeiro jornalismo. Penso ao contrário. Para mim, a RIE sai fortificada e revigorada desta campanha. Não pode ser suicida um órgão de imprensa que abre suas portas ao adversário, com a lhaneza e o cavalheirismo com que agiu o sr. Watson Campêlo, a quem rendo as minhas mais sinceras homenagens, sejam quais fôrem as divergências doutrinárias que nos separem. É realmente um JORNALISTA.

E me despeço, conduzido paternalmente pelas mãos de Bhuda : — «Não creiais em coisa alguma pelo fato de vos mostrarem o testemunho escrito de algum sábio antigo; não creiais em coisa alguma com base na autoridade de mestres e sacerdotes. Aquilo, porém, que se enquadrar na vossa razão, e depois de minucioso estudo fôr confirmado pela vossa experiência, conduzindo ao vosso próprio bem e ao de tôdas as outras coisas vivas ; a isso aceitai como verdade, e por isso pautai vossa conduta !»

OSMARD ANDRADE
Vila Naval, c/8—Florianópolis, SC

NOTA n.º 12 — Contra-rebate n.º 7, março, 62—Na minha nota n.º 4, fiz um repto ao sr. Casella para que, dentro das condições de honestidade que eu exigia, me viesse fabricar fantasminhas e aparições. Dei, para referência, enderêço e local de encontro. Assim respondeu êle ao desafio : — «Então o dr. Osmard não confia na documentação científica dêsses pesquisadores ?» — Ou seja, responde ao meu repto mandando-me ler livros onde se citam os tais fatos dos quais eu duvido. Maneira muito cômoda e elegante de sair pela tangente, de fugir, de tirar o corpo fora. *MANTENHO O REPTO SR. CASELLA. PARA O SR. E PARA QUALQUER OUTRO LEITOR DESTA REVISTA.* E enquanto não o atenderem, não me venham mais falar de espiritismos !

N. da R. — No trabalho de maio último, «O Fenômeno Espírita», do dr. Osmard Andrade, onde por um lapso de revisão saiu «Aconselhamos ainda os estudos dos processos usados», leiam, por gentileza com a extensão... «dos processos usados no hipnotismo para que sejam obtidos ótimos resultados.»

Relação das Coleções de «Revista Internacional do Espiritismo», existentes e encadernadas:

Ano de	1926	cr.$	500,00	Ano de	1949	cr$	400,00	Ano de	1955	cr$	400,00
»	» 1929	»	500,00	»	» 1950	»	400,00	»	» 1956	»	400,00
»	» 1946	»	400,00	»	» 1951	»	400,00	»	» 1957	»	400,00
				»	» 1952	»	400,00	»	» 1958	»	400,00
»	» 1947	»	400,00	»	» 1953	»	400,00	»	» 1959	»	400,00
»	» 1948	»	400,00	»	» 1954	»	400,00	»	» 1960	»	400,00

Crônica Estrangeira

FATO ESPÍRITA NUM CONVENTO

Percival Antunes — De «Reformador»

O Dr. Zingaropoli, advogado de Nápolis, autor de importante monografia mencionada por Ernesto Bozzano, narra diversos casos interessantíssimos de marcas e impressões de fogo (1) deixadas em diferentes objetos, inclusive num convento das Terciárias Franciscanas de Santana de Foligno, província de Perúgia, Itália.

Bozzano reproduz a seguinte narração, assinada pela Madre Abadessa Maria Vitória Constância Vichi, a respeito da manifestação mediúnica da Irmã Tereza Margarida Vichi:

«No dia 5, solenes exéquias foram realizadas, e a 6, como se devia inumá-la, pensou-se a princípio em colocá-la num lugar especial; mas decidiu-se, em seguida, fazer-lhe um caixão de tábuas, coisa que não se fizera ainda, e enterrá-la no túmulo comum das religiosas. Enquanto se esperava, o confessor da comunidade, Padre Lourenço, de Solcro, perto de Alexandria, no Piemonte, após ter escrito algumas indicações sôbre a defunta, colocou o escrito num frasco de vidro que depositou ao lado do corpo, no esquife, e pronunciou as seguintes palavras, na presença das outras religiosas: «Nada quero dizer sôbre os dons com que ela foi favorecida por Deus, porque, se ela quiser alguma coisa, far-se-á ouvir.»

O caixão foi fechado e descido ao túmulo.

Três dias apenas haviam transcorrido após o falecimento, quando uma voz lúgubre e lastimosa começou, de quando em quando, a fazer-se ouvir no quarto em que a Irmã Teresa morrera ou nas peças ao lado dêste, mas não se deu nenhuma importância ao fato, pensando-se que se tratava de uma alteração da fantasia de religiosas tímidas e crédulas.

No dia 16 do mesmo mês de novembro, às 10 horas da manhã, a Irmã do coro, Ana Feliciana Menghini, de Montefalco, mais corajosa que suas companheiras, fôra à grande sala de roupas brancas para cumprir alguma ordem que lhe deram, e, quando subia a escada, ouviu um gemido abafado e creu reconhecer, nêsse som, a voz da defunta companheira de trabalho, Irmã Teresa Margarida. Todavia, armou-se de coragem, pensando: «Trata-se, talvez, de um gato fechado num dos armários da parede. Abriu, então, um dêsses armários, mas nada encontrou. O queixume se fêz ouvir de novo. A irmã abriu outro armário, e, nada tendo encontrado, fechou-o assim como ao primeiro. Um terceiro gemido se fêz escutar. Abriu ainda outro armário, sem nada descobrir. Então, a religiosa, espantada, exclamou: «Jesus, Maria! Que é que há?»

Havia apenas acabado de pronunciar estas palavras, quando a voz lúgubre da defunta, com um suspiro penoso, exclamou: «Meu Deus, como eu sofro!»

Ao ouvir isto, a Irmã Ana Feliciana tremeu e empalideceu, reconhecendo claramente a voz da morta, Irmã Tereza Margarida. Retomando, porém, a coragem, perguntou: «Porquê?» E a defunta respondeu: «Pela pobreza.» — «Como, replicou a outra, você era assim tão pobre?» — «Não é por mim, retorquiu a morta, é pelas religiosas! Se basta um, porque dois ou três? Agora, preste atenção.» Com estas palavras, o quarto encheu-se de densa fumaça e a sombra da defunta se dirigiu de um dos armários para a escada, continuando a falar, mas sem que Ana Feliciana, sempre tomada de espanto, pudesse compreender o que dizia. Chegando à porta a defunta disse em voz alta: «E' uma misericórdia, aqui não mais voltarei e, em sinal disto...» Nesse momento, deu na porta uma pancada bem clara e logo a fumaça se dissipou e o grande quarto se tornou claro.

... As monjas correram tôdas pa-

---

(1) Em «Hipnotismo e Espiritismo», *do Dr. José Lapponi, recém-editado pelo Departamento Editorial da Federação Espírita Brasileira, lê-se, à página 43, o curioso caso da manifestação do Espírito da Marquêsa Laura Poppoli Astalli, que deixou, na coberta da cama, o sinal da mão «em fosco queimado.»*

ra o aposento da Abadessa e em tôrno da Irmã Menghini se comprimiram para ouvir de sua própria bôca a narração do que se produzira. Ela lhes contou o que sucedera e as religiosas, sabendo que a defunta houvera dito: «Em sinal disto...» e que dera uma pancada na porta, exclamaram logo: «Ela deve então ter deixado algum sinal!» A Irmã Menghini respondeu: «Nada sei a respeito. Estava muito aterrorizada para pensar em examinar a porta.» Então, as irmãs em conjunto foram examinar a porta e acharam nela gravada a mão da Irmã Tereza Margarida, de modo mais perfeito do que teria feito o artista mais competente, por meio de uma mão de ferro em brasa.

A Irmã Feliciana nessa noite «sonhou» com a defunta. Esta lhe apareceu para agradecer às companheiras o efeito benéfico de suas preces. E ponderou: «Pensas em apagar da porta a impressão de minha mão. Jamais o conseguirás, mesmo com o auxílio de outras pessoas. Trata-se de uma misericórdia de Deus, de um aviso, e sem isto nunca seria eu acreditada.»

O arcediago de Foligno, no dia 23 do mesmo mês, fêz redigir uma ata do fato. Abriu-se o túmulo, aplicou-se a própria mão da morta sôbre a impressão que deixara na porta e as testemunhas que fizeram vir atestaram que a mão se adaptava perfeitamente na impressão. Esta foi em seguida coberta com um véu, e a porta, tirada dos gonzos, guardada num lugar reservado, até que, mais tarde, sempre por ordem do arcebispado, se levantou o véu e permitiu-se a todos os pedintes vê-la claramente.

O caso foi confirmado numerosas vêzes por autoridades católicas, inclusive pelo Padre José Sensi, guardião dos Menores Observadores de São Bartolomeu, que redigiu e assinou o seguinte certificado: «O relatório da abadessa de Santana está conforme os testemunhos recolhidos por ela, que podem ser considerados como não duvidosos, levando-se em conta as circunstâncias precedentes, posteriores e concomitantes dos tempos, lugares e pessoas, segundo as regras da sã moral católica e da exatidão crítica.»

Numerosos casos são mencionados por Bozzano. Quantos casos igualmente importantes ocorrem no Brasil, sem que tenhamos pesquizadores e estudiosos que realizem obra notável de esclarecimento e instrução do povo, a respeito de tais fenômenos. Faltam-nos homens aptos a tais misteres? Não. Apenas está faltando, talvez, um pouco dessa curiosidade científica, que leva o homem a crer sempre na possibilidade de avançar corajosamente, ansioso por novas descobertas, sem olhar dificuldades, sem perder a calma nem a paciência, vendo, examinando, perquirindo, comprovando, desfazendo ilusões, confirmando fatos e, por fim, prosseguindo sempre na trilha da verdade.

Espiritismo no Brasil

Dr. Sylvio Lôbo de S. Thiago

Duas homenagens foram prestadas dia 26 de abril de 1962, à memória do engenheiro civil dr. Sylvio Lôbo de S. Thiago, na cidade do Rio de Janeiro: pela SURSAN e pela CRUZADA DOS MILITARES ESPÍRITAS, onde realizara êle notável conferência, de caráter científico-religioso.

A homenagem da SURSAN, simples e tocante, consistiu em lhe ser conferida pelo Conselho dessa entidade, reunido às 9 horas da manhã, sob a presidência do snr. dr. Enaldo Peixoto, a medalha de prata de BONS SERVIÇOS, acompanhada do respectivo diploma, expresso nos seguintes têrmos: «O CONSELHO de Administração da Superintendência de Urbanização e Saneamento, em sua reunião de 3-4-1962, resolve conferir a SYLVIO LÔBO DE S. THIAGO a medalha de prata pelos BONS SERVIÇOS prestados a esta Superintendência. HOMENAGEM PÓSTUMA. Rio de Janeiro, GB, 5-4-1962. (Ass.) Enaldo C. Peixoto — Presidente.»

À hora aprazada, reunidos os snrs.

membros da SURSAN, na respectiva sede, sob a presidência do sr. dr. Enaldo Peixoto, estando presentes, também, como representantes da CIMBRE, organização de engenheiros construtores, de que fazia parte o homenageado, os snrs. drs. Luiz Lima da Veiga e Antônio Dias Martins Júnior e como representantes da família os snrs. professor Arnaldo Claro de S. Thiago e engenheiro militar, tenente-coronel Arnaldo Claro de S. Thiago Filho, o presidente declarou aberta a sessão do Conselho da Sursan para a realização de seus trabalhos normais, fazendo-os, contudo, preceder de uma homenagem que ia ser prestada ao engenheiro civil Sylvio Lôbo de S. Thiago, pelos bons serviços prestados a esta grande capital. Deu em seguida a palavra ao engenheiro dr. Gastão Sengés, a quem coube fazer o elogio do seu colega e contemporâneo, em palavras repassadas de delicadeza moral e nobre sentimento de solidariedade humana, com que procurou enaltecer a ação construtiva do seu falecido colega e da firma a que prestava seus serviços e à qual o presidente, dr. Enaldo, já fizera referências elogiosas. Ao professor Arnaldo S. Thiago foram então entregues a medalha e o diploma conferidos a seu sobrinho, como representante mais velho da família, presente à solenidade.

Usando da palavra, o professor S. Thiago timbrou em realçar os méritos do homenageado com o evocar reminiscências de família, que se prendem à diretriz educacional traçada por seus progenitores, ambos professores primários em Santa Catarina e que, sempre obedecidas pelos seus descendentes, conduziram-nos aos roteiros da cultura, sob a égide dos princípios morais do Evangelho, cuja pedra fundamental é o grande mandamento do Amor a Deus sôbre tôdas as coisas e ao próximo como a si mesmo, não se orgulhava, porque o homem deve ser humilde perante Deus, a cuja divina providência se devem atribuir tôdas as conquistas realizadas, mas sentia-se jubiloso com essas homenagens prestadas a seu sobrinho e querido companheiro de ideais, pois que sobretudo elas comprovavam a excelência das diretrizes a que se referira e que impulsionavam todos os membros de uma família modesta a seguirem os caminhos da cultura e da honorabilidade. Referiu-se ao extinto COLÉGIO NACIONAL da metrópole guanabarina, pelo qual passaram todos os seus filhos e sobrinhos, sob a direção do Almirante Paim Pamplona e Coronel Francisco d'Ávila Garcez, com expressões do mais vivo e enternecido aplauso à orientação educacional nêle seguida, lamentando que, à falta de recursos econômicos, tão útil e patriótico estabelecimento de ensino houvesse desaparecido. Por êsse Colégio passara seu querido sobrinho Sylvio que depois, como os demais da família S. Thiago, no mesmo instituto matriculados, seguira um curso superior, de engenharia civil, no exercício de cuja profissão pudera prestar tão bons serviços a esta belíssima cidade, que tanta honra faz ao Brasil. Terminou o seu discurso o professor S. Thiago com um agradecimento ao Conselho da Sursan, em nome da família S. Thiago e especialmente em nome da professora Albina Monteiro de S. Thiago, viúva do dr. Sylvio, pelas homenagens que a êste vinham de ser prestadas.

Em seguida o dr. Enaldo Peixoto declarou encerrada aquela parte da sessão, despedindo-se dos sns. que ali compareceram para coparticipar de tão comovedora homenagem e fazendo-os acompanhar até ao elevador por dois membros da SURSAN.

A outra homenagem, no mesmo dia e na mesma hora prestada ao engenheiro Sylvio, pela Cruzada dos Militares Espíritas, foi apenas a de uma prece feita em sua intenção pelo general Milton O'Reill, presidente da mesma instituição, mas com essa prece tôda a manifestação do amor fraterno se evolou de almas irmãs num reverente tributo de gratidão a Deus que aos homens, seus filhos, concede a graça de poderem ver na morte não mais o espectro de uma perda irreparável, mas a benigna silhueta do anjo que nos transporta às regiões felizes do universo, quando passamos pela vida terrena cumprindo os nossos deveres para com Deus e para com o próximo, como Sylvio S. Thiago soube passar.

A essa homenagem estiveram presentes a exma. sra. d. Albina Monteiro de S. Thiago, viúva do homenageado, seus primos Dr. Lauro de Oliveira S. Thiago e sra. Dora da Costa Pereira S. Thia-

go e seu sobrinho, engenheirando Arnaldo Claro de S. Thiago Neto.

Espírita ardoroso, empenhado em obras de grande valor, como a construção da sede própria para o Centro Bezerra de Menezes do Andaraí, já em grande parte realizada e a assistência a favelados, com a construção, para alguns dêles, de casas mais confortáveis, sendo além disso um divulgador dos ensinamentos espíritas, nas conferências que pronunciou, em diversos pontos do país, merece-nos o querido confrade recém-desencarnado que nos solidarizemos com as justas homenagens que lhe vêm de ser prestadas, no Rio de Janeiro e cuja notícia acabamos de dar.

N. da R. — A notícia que acima publicamos, nos foi enviada pelo nosso prezado confrade e colaborador Arnaldo S. Thiago, a quem apresentamos excusas por sair ela com algum atraso.

CONSELHO FEDERATIVO NACIONAL

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da ATA da reunião mensal ordinária realizada em 2 de junho de 1962

Com número legal e à hora regimental, profere o Presidente do Conselho a prece de início e declara abertos os trabalhos, mandando ler a ATA da reunião anterior, que é aprovada. Saudando o confrade Dr. Carlos Imbassahy, presente à reunião, o Presidente enaltece o valor do visitante, antigo membro do Conselho e dedicado trabalhador da Doutrina. Comunica que a FEB, acompanhando a transformação dos atuais Territórios do Brasil em Estados, estudará a situação dos mesmos na Organização Nacional. Passa, em seguida, à apresentação do relatório dos trabalhos do «Simpósio Centro Sulino», examinando os pontos que deverão ser estudados pelos Srs. Conselheiros, e manifestando a sua satisfação pelo êxito alcançado. Todo o relatório, inclusive atas e conclusões, foi entregue ao representante do Ceará, de cujas mãos passará para as dos demais Conselheiros.

AMAZONAS — Apresenta o Conselheiro Luiz Montorfano carta da Federação Amazonense relatando o êxito notável da «II Exposição do Livro Espírita», encarecendo o trabalho da Juventude Espírita da Entidade e enviando, com o boletim da Exposição, um exemplar de «O MENSAGEIRO», órgão daquela Federação.

Às dezesseis horas, com a prece final proferida pelo representante da USE, de São Paulo, foi encerada a reunião.

Lar Infantil «Cairbar Schutel»

Comemoração do Dia das Mães

Como sóe acontecer todos os anos, o Lar Infantil «Cairbar Schutel» comemorou o Dia das Mães e o seu sétimo aniversário, com uma festinha comovedora, realizada das 14 as 16 horas do dia 13 de maio.

Edo Mariani, presidiu a reunião e Zélia S. Perche falou sôbre a data de dupla significação para a Mocidade Espírita «Cairbar Schutel.»

As filhinhas do Lar, em conjunto com o Grêmio Infantil Marta Cunha, do qual fazem parte, apresentaram números de cantos alusivos à data, que muito agradaram a todos os presentes.

A menina Joana Andrade da Silva, executou dois números de harmônica assim como os confrades Joaquim Ranucci e José Coelho que alegraram os presentes, muito principalmente as crianças, com o seu violão e cavaquinho.

Foram prestadas homenagens a todas as mães presentes, tendo a mãe mais velha, assim como a mais moça recebido uma corbelha de flôres.

Tôdas as crianças presentes representaram com alegria, conscientes do seu papel e da importância moral da festa, pois, seus rostinhos deixavam transparecer felicidade e amor.

A' Isabel Perche Camargo e Clotilde Cunha, principais organizadoras do programa e ensaiadoras, os nossos parabens, pelo êxito alcançado.

Foi uma bela festa, que falou bem fundo aos nossos corações!

Que Cairbar, nosso Patrono, sob as bênçãos de Jesus, possa encontrar sempre na Mocidade Espírita «Cairbar Schutel, seus cooperadores e que o Lar Infantil continue sendo uma realidade em prol da criança necessitada.

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Brasil, Coração do Mundo
Evolução em dois mundos
Caminho, Verdade e Vida
Parnaso de Além-Túmulo
Instruções Psicofônicas
Religião dos Espíritos
A Caminho da Luz
Pensamento e Vida
Seara dos Médiuns
Novas Mensagens
Contos e Apólogos
Almas em desfíle
Pontos e Contos
Perolas do Além
Falando à Terra
Os Mensageiros
Gotas de Luz
O Consolador
Luz Acima
Fonte Viva
Emanuel
Voltei
Roteiro
Renúncia
Pai Nosso
Boa Nova
Nosso Lar
Libertação
Jesus no Lar
Agenda Cristã
Vinha de Luz
Ação e Reação
Lázaro Redivivo
Paulo e Estevam
No Mundo Maior
Missionários da Luz
Cartilha da Natureza
O Evangelho em casa
O Espírito da Verdade
Vozes do Grande Além
Entre a Terra e o Céu
Obreiros da Vida Eterna
Crônicas de Além-Túmulo
Nos Domínios da Mediunidade

A' venda na Livraria «O CLARIM» — Caixa postal 11 — Matão — SP
Atendemos pedidos pelo Reembolso Postal

Espiritismo e Protestantismo

Acaba dc sair do prélo e já se acha à venda, esta oportuna obra, já em 4.ª edição.

Contém ela 135 páginas e encerra uma polêmica em pról da verdade, — luta uobliitante travada entre o nosso companheiro Cairbar Schutel e o ilustre Professor Faustino Ribeiro, em o ano de 1908, pelas eolunas de «O Alfa», de Rio Claro, valente campeão em favor do bem e da justiça.

Brochado Preço : cr.$ 80,00

O Espìrito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito, pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do Espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

Encadernado Preço : Cr.$ 350,00.

O Batismo

E' mais um valioso trabalho de Cairbar Schutel, já em 3.a edição, devido à sua grande aceitação.

E' um livrinho de grande interêsse para ser manuseado por todos aquêles que desejem, de fato, conhecer o significado do batismo.

Brochado Preço : Cr.$ 20,00.

Os Fatos Espíritas e as Fôrças X...

Referido livrinho, que já está na sua 3.ª edição, é indispensável a todos os estudiosos dos assuntos referentes à Doutrina Espírita. E' mais uma valiosa contribuição de Cairbar Schutel para esclarecimento dos Fatos espíritas e as fôrças X...

Esta nova edição está confeccionada em bom papel, tipo graúdo, portanto, de fácil e agradável leitura.

Brochado Preço : Cr.$ 20,00.

A' venda na Livraria «O CLARIM»

Caixa postal 11 — MATÃO — SP

Atendemos pedidos

sob Reembolso Postal

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor Redator: A. Watson Campêlo

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

AVENIDA 28 DE AGOSTO N.º 780

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	— Assinatura simples	Cr.$250,00
Semestre	— „ „	130,00

NÚMERO AVULSO CR.$25,00

As assinaturas são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: **Rio de Janeiro**

e na LIVRARIA BATUÍRA

Rua Bitencourt Rodrigues, 37 — SÃO PAULO